

# Sujeito perceptivo e mundo em Merleau-Ponty

Marcus Sacrini A. Ferraz  
Universidade de São Paulo  
sacrini@usp.br

**resumo** Neste artigo, pretendemos mostrar como a concepção de Merleau-Ponty acerca das relações entre sujeito perceptivo e mundo muda no decorrer de sua obra. Em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, publicado em 1945, Merleau-Ponty atribui a tal sujeito a capacidade de assimilar adequadamente o ser do mundo. No entanto, no início dos anos cinquenta, seu estudo da obra do psicólogo Kurt Koffka explicita alguns resultados incompatíveis com a atribuição de tal capacidade ao sujeito. Por fim, em *O Visível e o Invisível* (texto final do filósofo, escrito entre 1959 e 1961, e publicado postumamente), Merleau-Ponty reconhece que as capacidades de assimilação perceptiva do ser do mundo possuem limitações.

**palavras-chave** percepção; mundo percebido; mundo geográfico; fé perceptiva; ser

## 1. O sujeito em perfeita correlação com o mundo

Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty defende que o sentido das experiências fenomênicas não é ordenado pelas capacidades cognitivo-conceituais dos sujeitos, mas pelas habilidades perceptivo-motoras do corpo próprio. O filósofo francês se opõe assim às doutrinas segundo as quais o entendimento humano porta as categorias gerais responsáveis por organizar toda experiência possível. Em contrapartida, a tese a ser sustentada é que as capacidades perceptivo-motoras do corpo próprio organizam o campo da experiência humana de um modo *originário* e *original* em relação à assimilação de tal experiência pelo aparato conceitual da subje-

Recebido em 20 de dezembro de 2007. Aceito em 26 de janeiro de 2008.

doisPontos, Curitiba, São Carlos, vol. 5, n. 1, p.193-206, abril, 2008

tividade cognoscente. Trata-se de um modo originário porque a ordenação das situações vividas responde *primeiramente* às habilidades corporais e não a considerações judicativas. É original porque nem todas as características de tal ordenação se submetem aos parâmetros lógicos pelos quais a experiência da realidade é predicativamente compreendida.

Merleau-Ponty fornece vários exemplos que ilustram essas características da ordenação geral da experiência. Quanto ao caráter *originário* da organização perceptivo-motora das situações vividas, o filósofo nota que quando se quer pegar um objeto qualquer, não há um cálculo prévio do deslocamento do braço até a meta almejada, mas um movimento que espontaneamente liga o corpo ao objeto percebido e almejado (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, pp.116-7). Há, assim, uma intencionalidade perceptivo-motora (um modo de se dirigir a certas metas percebidas conforme o repertório de possibilidades motoras do corpo), que não depende do reconhecimento conceitual explícito dos elementos que compõem a situação em pauta. Antes de serem apreendidas ou avaliadas por meio de categorias intelectuais, as situações vividas se ordenam como conjuntos significativos *para* as habilidades corporais. Essa ordenação pode ocorrer mesmo se o aparato de assimilação e avaliação intelectual das situações vividas não está disponível adequadamente. Merleau-Ponty cita o exemplo de um doente, que, incapaz de tocar uma parte de seu corpo se recebe uma ordem para tanto (ou seja, se deve realizar uma ação planejada intelectualmente), toca-a sem problemas se um mosquito a pica (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, pp.122-3). Quer dizer que mesmo se o sistema categorial de compreensão das situações está danificado, o sujeito possui ainda a habilidade de se inserir espontaneamente em certas situações práticas. É verdade que o sistema de categorias intelectuais pode acompanhar e mesmo explicar, posteriormente, as habilidades corporais, mas essas últimas, eis a tese de Merleau-Ponty, não são comandadas e nem mesmo planejadas diretamente pelo primeiro. Afinal, as significações estruturadas por tal sistema não são exatamente homogêneas àquelas ordenadas pelo aparato perceptivo-motor, as quais, conforme já apontamos, são *originais* em relação àquelas do entendimento.

No que se refere a essa originalidade, Merleau-Ponty acredita que os padrões de organização do campo fenomenal são diferentes daqueles fornecidos pelas medidas ou pela causalidade objetivas (Cf. MERLEAU-

PONTY, 2002, pp.235-6). Não se trata de defender que os fenômenos são eventos inassimiláveis pelas categorias lógicas objetivantes, mas apenas de reconhecer que há uma camada de sentido que excede o que essas últimas podem captar. Essa camada não seria *anti-lógica*, mas *pré-lógica*, no sentido em que ela conteria possibilidades significativas mais amplas ao menos que aquelas formalizadas pela lógica clássica (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.318). Como exemplo dessa significação pré-lógica ou pré-objetiva do campo fenomenal, Merleau-Ponty comenta que a percepção apresenta as retas na ilusão de óptica de Müller-Lyer *não como iguais e nem como desiguais*, mas como *indeterminadas* (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.12, 18). Quer dizer que a ordenação do campo fenomenal não se submete a um procedimento lógico comum, a saber, aquele de esgotar as qualificações de qualquer tópico em questão por meio de conceitos opostos: igual/desigual, mesmo/outro, múltiplo/uno, etc. Haveria uma ambigüidade inerente ao campo fenomenal, a qual não poderia ser apropriadamente assimilada por conceitos excludentes.

Como vemos, para Merleau-Ponty, as capacidades lógico-conceituais dos sujeitos não são responsáveis pela ordenação da experiência sensível. Quer dizer que a tese de que tais capacidades podem antecipar o sentido de qualquer experiência e de que, no geral, as estruturas do *pensamento* humano são correlatas do modo de organização do mundo sensível (tese clássica da harmonia entre lógica e ontologia) deve ser abandonada. A riqueza significativa dos fenômenos excede aquilo que as capacidades conceituais usualmente apreendem da experiência (causalidade, medida, quantidade, etc.) e exige a ampliação dos parâmetros da *racionalidade discursiva* para que se possam tornar tema de alguma investigação filosófica. Daí o esforço de Merleau-Ponty, na terceira parte da *Fenomenologia da Percepção*, para explicitar um padrão racional que garanta a significatividade de seu discurso fenomenológico, o qual pretende descrever aquilo que excede as categorias significativas tradicionais. Esse padrão será dado pela *temporalidade*. Não trataremos desse tema neste artigo; interessa-nos salientar que esse excesso do sentido fenomênico ante o aparato lógico-conceitual tradicional não implica a assunção da incognoscibilidade do ser do mundo. O rompimento da correlação estrita entre lógica tradicional e ontologia (ou seja, da crença de que as operações conceituais podem apreender adequadamente o ser mundano) não leva a nenhum

pessimismo epistemológico. Na verdade a harmonia entre habilidades humanas e componentes mundanos será recuperada por Merleau-Ponty em um outro nível. Como veremos, haverá um *pacto natural* entre as capacidades perceptivo-motoras e as configurações dos eventos mundanos, de maneira que esses últimos sempre estão em correlação com as primeiras (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.251, 293, 359). Explicitemos a seguir esse tópico.

Segundo Merleau-Ponty, na tentativa de descrever a realidade deve se levar em conta o fato de que o mundo se manifesta “carregado de predicados antropológicos” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.369) e que, no geral, a natureza percebida pode ser compreendida como “a encenação de nossa própria vida ou nosso interlocutor em um tipo de diálogo” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.370). Poder-se-ia pensar, com base em tais afirmações, que a *Fenomenologia da Percepção* se limitaria a oferecer descrições de algumas situações perceptivas organizadas segundo a diversidade das habilidades corporais. Diferentes tradições culturais do uso do corpo e a sedimentação de diferentes hábitos perceptivos favoreceriam o surgimento de *ambientes existenciais diversificados* por meio dos quais a experiência do mundo seria ordenada. Segundo essa perspectiva, as descrições fenomenológicas deveriam expor algumas das diversas possibilidades de ordenação do campo fenomenal em correlação com determinados engajamentos corporais nas situações vividas. No entanto, Merleau-Ponty não se contenta em explicitar a variedade pela qual a experiência do mundo pode se caracterizar. Na verdade, o filósofo pretende remeter tal diversidade antropológica a um camada de *sentido sensível geral*, que atuaria de maneira uniforme sob a multiplicidade cultural da experiência do mundo (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, pp.338-340). Para Merleau-Ponty, sob os diversos *meios antropológicos* os sujeitos estão ligados a um só *mundo natural*. Este mundo natural estaria em correlação com as funções perceptivo-motoras do corpo consideradas como *parâmetros universais de ordenação de fenômenos*, parâmetros que seriam válidos independentemente de qualquer contexto cultural<sup>1</sup>.

Como Merleau-Ponty pretende desvelar esse nível geral da organização fenomênica, anterior à diversidade antropológica? O filósofo sugere romper com a assim chamada *percepção empírica*, exercida cotidianamente, por meio da qual as coisas são assimiladas apenas em seus aspectos já

conhecidos, os quais meramente auxiliam no desenrolar de tarefas práticas (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, pp.53-4). Em seu lugar, o filósofo sugere o exercício de uma “atenção metafísica e desinteressada” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.372), a qual desvelaria a organização fenomênica para além dos aspectos familiares da experiência. Por meio dessa atenção metafísica, que suspende a assimilação interessada dos fenômenos, Merleau-Ponty pretende desvelar “o arranjo momentâneo do espetáculo sensível” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.54). Trata-se de explicitar a ordenação da experiência segundo as regras imanentes ao campo fenomenal, cuja inteligibilidade nascente nada deveria ao apreendido cultural. Assim, a *Fenomenologia da Percepção* não se limita a descrever as diversas maneiras (culturalmente enformadas) de apreender a experiência, mas pretende revelar a *lógica perceptiva geral* que, por meio de regras próprias (supostamente válidas para todos os sujeitos de constituição psicofísica semelhante), coordena a manifestação sensível do mundo (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, pp.45-6, 59).

Ao caracterizar a amplitude de tal manifestação sensível, Merleau-Ponty reafirma a harmonia entre habilidades humanas e componentes do mundo, tal como sugerimos acima. Para esclarecer esse ponto, notemos que tais fenômenos não se reduzem a *representações*, no sentido de aparências intermediárias pelas quais os sujeitos se refeririam ao mundo, o qual em si mesmo seria inatingível. Os fenômenos são uma *apresentação* do próprio mundo em toda a sua complexidade. No capítulo “O sentir” da *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty defende que a percepção sempre *responde* a solicitações sensíveis. Quer dizer que há um *ser exterior* que apela ao corpo e exige a *sincronização* dos poderes perceptivo-motores para então se manifestar sensivelmente (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.247). Por sua vez, tais poderes *reconstituem* as estruturas do mundo como fenômenos percebidos (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.240). Mas quão perfeita é essa reconstituição? Conforme algumas passagens da *Fenomenologia da Percepção*, ela é *totalmente perfeita*. Em um trecho, o filósofo afirma que o sujeito perceptivo porta “uma típica de todo ser possível, uma montagem universal em relação ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.490). Em outro, servindo-se dos mesmos termos, o fenomenólogo afirma: “ter um corpo é possuir uma montagem universal, uma típica de todos os desenvolvimentos perceptivos e de todas

as correspondências intersensoriais para além do segmento de mundo que nós percebemos efetivamente” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.377). Essas citações veiculam a tese de que os poderes perceptivo-motores do corpo são suficientes para apresentar qualquer evento mundano, uma vez que *tudo ser possível* se organizaria de modo compatível com as habilidades perceptivas. Daí que a percepção não seja uma simples representação (que poderia de algum modo distinguir-se do representado) mas sim uma apresentação capaz de esgotar todas as configurações do mundo. E Merleau-Ponty também admite a tese conversas, ou seja, não se trata somente de definir a percepção como apresentação direta do mundo, mas também de “definir o ser como aquilo que nos aparece” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.455). O mundo é então concebido como conjunto de eventos que se manifestam para o sujeito perceptivo. Assim, por um lado, Merleau-Ponty defende o sujeito como portador de capacidades que apreendem todas as configurações sensíveis mundanas, e, por outro, define o ser do mundo como a totalidade dessas configurações. Embora Merleau-Ponty defenda que o pensamento humano, ao menos em seu uso tradicional, não seja capaz de apreender a complexidade do mundo sensível, nota-se que o filósofo substitui a correlação harmônica entre lógica e ontologia por aquela entre *estesilogia* e ontologia.

## 2. Considerações psicológicas críticas

Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty acaba por identificar o *ser exterior* que motiva a percepção com o *mundo percebido* que resulta da atividade perceptiva. Não se trata, sem dúvida, de reduzir o mundo a representações projetadas pelo sujeito ou a um correlato corporal sem autonomia para além daquilo que é efetivamente apreendido pela percepção. O mundo subsiste em si mesmo, eis uma tese que o fenomenólogo defende. Mas o caráter autônomo do mundo não decorre da possibilidade de que o ser do mundo pudesse exceder aquilo que se manifesta perceptivelmente, e sim do fato de que os eventos e coisas do mundo são compostos por uma *infinidade de atributos e relações*, as quais não podem ser todas apreendidas de uma só vez pela atividade perceptiva, de modo que o ser de tais coisas não se reduz a um mero correlato de

atos perceptivos *particulares* (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, pp.373-4). Além disso, as coisas e o mundo em geral se manifestam conforme um fluxo temporal, de maneira que a perspectiva presente que a percepção assimila não esgota as demais perspectivas passadas ou futuras pelas quais as coisas existem (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, pp.384-5).

Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty sustenta que o ser do mundo é autônomo, independente da subjetividade, mas plenamente acessível às habilidades perceptivo-motoras, tal como vimos na seção anterior. As infinitas relações de que tal ser se compõem excedem somente a configuração *momentânea* que o sujeito perceptivo apreende do mundo. Potencialmente, o sujeito pode apreender não importa qual das relações constitutivas das coisas, já que Merleau-Ponty insiste em que tal sujeito porta uma montagem universal que o capacita a apreender *todo ser possível* (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.377, 411, 491-2). Além disso, deve-se notar que a espessura temporal das coisas não as torna estranhas à subjetividade, já que, segundo a própria concepção de Merleau-Ponty, o tempo não é um atri buto do mundo ou das coisas tomadas nelas mesmas, mas uma estrutura da existência humana, pela qual a experiência é ordenada<sup>2</sup>. Daí que o ser do mundo, segundo a *Fenomenologia da Percepção*, embora não seja criado ou mantido pela subjetividade, seja perfeitamente apreensível pelas capacidades perceptivas.

Nos anos cinquenta, no curso “As ciências do homem e a fenomenologia”, Merleau-Ponty expõe algumas posições extraídas do psicólogo Kurt Koffka, as quais, como veremos, contrariam esses resultados da *Fenomenologia da Percepção*. Koffka questiona se a percepção deve ser concebida como uma resposta *direta* à estimulação advinda dos objetos. Segundo o psicólogo, os resultados percebidos derivam de um processo complexo de segregação do campo fenomenal e não devem ser confundidos com os objetos que causam ou motivam tal processo (Cf. MERLEAU-PONTY, 2001b, p.434). Koffka critica, desse modo, o erro de “colocar nas coisas geográficas o que resulta de nossa atividade a propósito dessas coisas” (MERLEAU-PONTY, 2001b, p.434). Para o psicólogo, as causas ou motivos da percepção (ou, em outras palavras, o ser exterior que solicita a atuação dos poderes perceptivos) não se confundem com aquilo que é percebido, mas apenas fornecem a ocasião *por meio da qual* o campo fenomênico se ordena. Quer dizer que há uma

diferença entre o que as coisas são em si mesmas e como as coisas se manifestam perceptivelmente<sup>3</sup>. Entre o ser exterior (que motiva a percepção) e o ser percebido há a espessura do *campo fenomenal*, o qual organiza os dados sensíveis segundo uma lógica *que nem sempre corresponde àquela das coisas tomadas nelas mesmas*. Por exemplo, aquilo que no mundo tomado nele mesmo é idêntico pode aparecer como diferente no mundo percebido<sup>4</sup>. Por sua vez, aquilo que no mundo em si seria distinguível pode aparecer como idêntico no mundo percebido<sup>5</sup>.

Deve-se notar que na *Fenomenologia da Percepção* Merleau-Ponty já havia reconhecido que a organização dos fenômenos nem sempre reproduz exatamente os estímulos que suscitam tal fenômeno. Assim, o filósofo citava que “a força do som sob certas condições lhe faz perder altura, a adjunção de linhas auxiliares torna desiguais duas figuras objetivamente iguais” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.14). Mas, nesse caso, Merleau-Ponty parece somente sugerir que o sentido fenomênico rompe com certas expectativas conceituais objetivas de compreensão da realidade. Segundo o filósofo, muitos teóricos concebiam um mundo objetivo plenamente determinado como causa da percepção (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.71). Desse modo, eles supunham que os resultados percebidos deveriam ser plenamente determináveis em função dos componentes objetivos do mundo. No entanto, a ordenação da percepção, tal como Merleau-Ponty exemplifica no trecho citado acima, não se submete a uma decodificação puramente objetiva do mundo. Para se compreender a relação entre mundo e atividade perceptiva, deve-se abandonar a imposição de parâmetros lógicos objetivos a ambos. Mas uma vez abandonada tanto a idéia de um *mundo objetivo* que causaria a percepção quanto a concepção dos resultados percebidos como reprodução de componentes objetivos mundanos, Merleau-Ponty sustenta que o sentido *pré-objetivo* do campo fenomenal reconstituía adequadamente o ser exterior de que a percepção se originava. Daí as afirmações de que a lógica pela qual os eventos mundanos se ordenam é a mesma lógica pela qual tais eventos são percebidos, ou de que o sujeito perceptivo porta um projeto de todo ser possível. Ora, justamente essas afirmações são abaladas pelas considerações de Koffka. O psicólogo sugere distinguir entre o mundo tal como tomado nele mesmo (mundo geográfico, o qual não é necessariamente um mundo concebido de maneira



objetiva) e o mundo tal como ordenado pelas regras perceptivas (mundo fenomenal) (Cf. MERLEAU-PONTY, 2001b, p.436). Por conseguinte, o mundo *em si* não é completamente homogêneo ao mundo *para nós*; a ordenação dos fenômenos pela atividade perceptiva não esgota todas as propriedades e articulações dos eventos do mundo geográfico, mas apresenta uma *seleção* de tais propriedades conforme as regras de segregação do campo perceptivo.

### 3. O sujeito ante um ser que se oculta

Vimos, na primeira seção, que Merleau-Ponty atribui ao sujeito perceptivo, na *Fenomenologia da Percepção*, a capacidade de apreender adequadamente todo ser possível. A percepção conta com um repertório de sincronizações a quaisquer solicitações sensíveis, de modo que o ser exterior pode ser reconstituído como fenômeno sem nenhuma perda. Já nos anos cinquenta, conforme a seção anterior, Merleau-Ponty expõe teses de Koffka segundo as quais os conjuntos percebidos são aqueles organizados conforme certas regras decorrentes das estruturas corporais. Essas regras não são exatamente aquelas pelas quais os eventos mundanos, tomados em si mesmos no ambiente geográfico, se ordenam, tal como os exemplos citados na seção anterior ilustram. Por conseguinte, o mundo percebido não se identifica plenamente com o mundo motivador da percepção, e, no geral, não se deve conceber a atividade perceptiva como uma apresentação *perfeita* do ser exterior.

Merleau-Ponty parece assimilar essa consequência em suas reflexões tardias sobre a percepção. Não é claro qual o peso teórico das observações de Koffka na articulação de tais reflexões. No entanto, uma vez que Merleau-Ponty propõe uma reelaboração das suas teses que parece incluir as considerações de Koffka, torna-se ao menos plausível supor que seus estudos de psicologia, nos anos cinquenta, ajudaram-no a formular sua posição final sobre o tema, a qual tentaremos expor a seguir.

Em *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty volta a descrever a inserção originária e original do sujeito no mundo por meio da percepção. Porém, nessa obra, não há apelo a uma *atenção metafísica* por meio da qual os padrões gerais de organização perceptiva se revelariam. Na verdade, o

que Merleau-Ponty busca descrever é a perspectiva do *homem natural*, ou seja, de alguém que vivencia a atividade perceptiva sem interrogações teóricas e a aceita como que por um tipo de *fé originária* em seus resultados (Cf. MERLEAU-PONTY, 2001a, p.207, 210). Merleau-Ponty chega mesmo a abandonar o termo “percepção” em favor da expressão “fé perceptiva”. Segundo o filósofo, o termo “percepção” parece pressupor certas decisões teóricas que não devem ser aceitas como óbvias, mas problematizadas filosoficamente, tais como, por exemplo, a referência exclusiva a coisas materiais e a exclusão de um domínio invisível do campo daquilo que se doa aos sujeitos (Cf. MERLEAU-PONTY, 2001a, p.207). Por sua vez, a expressão “fé perceptiva” permite retomar a experiência sensível sem comprometer-se, ao menos de imediato, com tais decisões.

Segundo *O Visível e o Invisível*, o homem natural que exerce livremente suas capacidades perceptivas crê no acesso direto às coisas tal como são (Cf. MERLEAU-PONTY, 2001a, p.17). Os sentidos levam-no diretamente ao mundo e o habilitam a agir nas situações em que se encontra. Essa apresentação da fé perceptiva por Merleau-Ponty em muito se assemelha à exposição dos resultados da atividade perceptiva pela *Fenomenologia da Percepção*. Deve-se, de fato, notar que Merleau-Ponty já utiliza “fé perceptiva” nesse livro (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.344, 371, 395, 415, 468). O sentido geral dessa expressão permanece semelhante nas duas obras: tanto em 1945 quanto em 1959-61, Merleau-Ponty entende por fé perceptiva uma adesão ao mundo sem garantias intelectuais, anterior às verificações judicativas, um movimento espontâneo em direção às situações vividas que não espera a obtenção da certeza para se efetuar. No entanto, a motivação de Merleau-Ponty para intitular a atividade perceptiva de *fé* em *O Visível e o Invisível* parece mais ampla. Ao considerar o papel do corpo na ordenação da experiência sensível, o filósofo fornece uma justificativa para tratar da atividade perceptiva em termos de *fé* que não figurava na *Fenomenologia da Percepção*: o homem natural admite de bom grado que as coisas se manifestam por meio das capacidades corporais, ou, de maneira ainda mais precisa, admite que tais coisas só se manifestam se estão no *raio de ação* dos poderes perceptivo-motores do corpo (Cf. MERLEAU-PONTY, 2001a, p.21). O corpo exerce, desse modo, um duplo papel em relação à manifestação sensível.

Segundo as palavras do próprio Merleau-Ponty, é o corpo “que faz com que, às vezes, eu permaneça na aparência e é ele ainda que faz com que, às vezes, eu vá às coisas mesmas” (MERLEAU-PONTY, 2001a, p.23). Assim, o corpo não apenas nos põe em contato direto com as coisas, mas por vezes não nos oferece o mundo tal como ele existe em si mesmo. A fê perceptiva é, dessa maneira, uma “abertura inicial ao mundo que não exclui uma ocultação possível” (MERLEAU-PONTY, 2001a, p. 48).

Como se vê, segundo *O Visível e o Invisível* a experiência perceptiva não reconstitui perfeitamente o ser que a motiva. Sem dúvida, a atividade perceptiva propicia o *acesso* ao mundo, mas por vezes ela também é responsável por um *recuo* ou *encobrimento* desse mesmo mundo, o qual não pode então ser apreendido corretamente. Daí que em 1959-61, o uso de “fê perceptiva” implique, de maneira bem mais marcante, que a manifestação do ser do mundo pela experiência perceptiva não é um processo certo, mas uma adesão cega, sem garantias prévias de saber o que é o ser e até onde ele se estende. No livro de 1945, havia uma garantia bem reconfortadora para a atividade perceptiva: o sujeito portava uma típica de todo ser possível, de maneira que poderia apreender toda a complexidade do mundo por meio de manifestações fenomenais. Já em seus textos finais, Merleau-Ponty considera que a presença do mundo pela atividade perceptiva não exclui a ausência de algumas de suas propriedades ou eventos, de modo que o sujeito não tem garantias de esgotar a complexidade do ser apenas por meio do acesso aos fenômenos.

Deve-se notar que essa impossibilidade de apreender todo o ser por meio das manifestações fenomênicas não se deve à possibilidade de ilusão sensível. Não é porque os sentidos podem se enganar que a atividade perceptiva deve ser concebida como fê, como um ato que adere ao mundo mesmo sem saber se se tem acesso total ao ser. Tanto na *Fenomenologia da Percepção* quanto em *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty não atribui tamanho peso teórico ao tema das ilusões dos sentidos e as trata de maneira semelhante: tais ilusões não são senão perspectivas errôneas sobre os eventos, as quais se corrigem naturalmente pelo desenrolar do processo perceptivo. Segundo o filósofo, as manifestações sensíveis reconhecidas como falsas ou ilusórias só são assim caracterizadas em relação a outras manifestações, consideradas corretas ou verídicas, que as substituem. A percepção se revela, assim, como um processo incessante

de exploração de perspectivas, de maneira a formar uma apresentação concordante do objeto ou evento em pauta. Os possíveis enganos ou ilusões são excluídos pela própria execução desse processo e, desse modo, não implicam a ocultação do mundo para o sujeito perceptivo (Cf. MERLEAU-PONTY, 1997, p.396-7; MERLEAU-PONTY, 2001a, p.62-3).

Embora conceda ao sujeito perceptivo a capacidade de reconhecer (retrospectivamente) as ilusões sensíveis e, assim, não permanecer nelas enredado, Merleau-Ponty reconhece, em *O Visível e o Invisível*, que a experiência perceptiva pode não apresentar adequadamente todos os componentes do ser, tal como vimos. Esse reconhecimento se origina do fato de que, nesse livro, Merleau-Ponty desenvolve uma hipótese descartada pela *Fenomenologia da Percepção*, a saber, de que alguns aspectos ou dimensões do ser não se fenomenalizam para as capacidades perceptivas humanas. Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty chega a considerar rapidamente “uma profundidade do objeto que nenhuma antecipação sensorial esgotará” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.250). Porém, como vimos, a tese largamente defendida naquele livro é a de que o ser do mundo é exatamente aquilo que aparece para as capacidades perceptivas. Já em *O Visível e o Invisível* o filósofo parece dar grande importância à seguinte possibilidade: “não está nem mesmo excluído que encontrássemos [na experiência] um movimento em direção àquilo que em nenhum caso poderia estar presente a nós no original e cuja ausência irremediável incluir-se-ia, assim, no número de nossas experiências originárias” (MERLEAU-PONTY, 2001a, p.209). A própria caracterização que Merleau-Ponty oferece da fé perceptiva em sua última obra confirma essa hipótese: trata-se de uma abertura para o mundo que não exclui uma ocultação possível do ser. Esse duplo aspecto da fé perceptiva implica que a lógica perceptiva não reconstitui em sua completude a organização dos eventos mundanos, e que, por conseguinte, *o sujeito perceptivo não porta uma montagem para todo ser possível*, mas apenas para algumas configurações mundanas (Cf. MERLEAU-PONTY, 2001a, p.209). O uso do termo “percepção” na *Fenomenologia da Percepção* parecia estar comprometido com a tese de que o ser do mundo se manifesta plenamente como coisas e eventos materiais apreensíveis pelas capacidades perceptivas. O abandono desse termo em *O Visível e o Invisível* sugere conside-

rar seriamente a possibilidade de que existam domínios invisíveis, os quais se doam somente como *ausências*, e não como conteúdo positivo de episódios perceptivos.

O sujeito perceptivo em *O Visível e o Invisível* não é capaz de reconstituir adequadamente o ser exterior que motiva a percepção. É verdade que a atividade perceptiva se dirige para as coisas, para os outros, enfim, para diversos componentes de tal ser exterior; porém, tal como Koffka já sugeria, não é correto identificar os resultados dessa adesão cega com a *totalidade* do ser exterior que a motiva. A atividade perceptiva atinge e apresenta diretamente o mundo, mas somente naquela faixa de eventos que se deixa apreender pelas estruturas perceptivas humanas: trata-se de uma apresentação não exaustiva em relação à complexidade dos componentes do mundo, muitos dos quais não se doam como presença sensorial (mas somente como ausência irremediável). Por meio desse resultado, Merleau-Ponty esboça uma investigação ontológica que não se limita a caracterizar o mundo como percebido, mas que insistirá em desvelar seus componentes *invisíveis*, ou seja, que excedem os dados positivos assimilados pelas capacidades perceptivas do sujeito. Vimos que na *Fenomenologia da Percepção* Merleau-Ponty abandona o paralelo entre lógica clássica e ontologia, mas ainda sustenta uma correlação harmoniosa entre capacidades perceptivas e componentes mundanos. Entretanto, em seus anos finais, o filósofo parece romper até mesmo com a tese de uma correlação entre estesiologia e ontologia. Dessa maneira, Merleau-Ponty se preparava, até ser definitivamente interrompido pela morte prematura, para abordar o tema de um ser *bruto* ou *selvagem*, quer dizer, de um ser verdadeiramente independente de e anterior a toda idealização intelectual e mesmo a toda apreensão perceptiva.

<sup>1</sup> “Meu corpo, que assegura por meus hábitos minha inserção no mundo humano, justamente só o faz me projetando primeiramente em um mundo natural que sempre transparece sob o outro” (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 339).

<sup>2</sup> “O tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva que eu me limitaria a registrar. Ele nasce de *minha* relação com as coisas” (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 471).

<sup>3</sup> “As coisas não têm geograficamente as propriedades que elas têm para nosso comportamento (...). A percepção não é, portanto, o transporte das propriedades das coisas em mim” (MERLEAU-PONTY, 2001b, p.435).

<sup>4</sup> Na ilusão de Jastrow, “dois segmentos de círculos, iguais e paralelos, são percebidos como diferentes” (MERLEAU-PONTY, 2001b, p.431).

<sup>5</sup> “Dois pontos, um branco sobre fundo negro, o outro negro sobre fundo branco, que têm a mesma função, são identificados pela percepção” (MERLEAU-PONTY, 2001b, p.431).

### Referências bibliográficas

MERLEAU-PONTY, M. 2002. *La Structure du Comportement*. Paris: PUF, col. Quadrige.

MERLEAU-PONTY, M. 2001a. *Le Visible et l'Invisible*. Paris: Gallimard, col Tel.

MERLEAU-PONTY, M. 1997. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, col. Tel.

MERLEAU-PONTY, M. 2001b. *Psychologie et Pédagogie de l'Enfant. Cours de Sorbonne 1949-1952*. Lagrasse:Verdier.